

07-05-2021

A DANAÇÃO DA NAÇÃO

Alisson Azevedo

[Diretor de relações públicas da Associação dos Deficientes Visuais do Estado de Goiás - ADVEG]

Sorumbática leitora, casmurro leitor: confesso que a vontade aqui era de seguir escrevendo sobre barquinho, banquinho, violão - e garotas do Maranhão - tal qual na crônica passada. Mas “o Brasil não é pra principiantes”, já dizia o Tom Jobim. Por isso (e por outras questões paralelas) fomos expulsos do paraíso estético da bossa nova, para onde voltaremos um dia – Deus esteja.

O mote desta crônica, como já se viu pelo infame trocadilho que lhe dá título, são as misérias da pátria. “Pátria minha / tão pobrinha...” Tive um parça de infância lá no Mato Grosso que, logo no seu primeiro emprego, foi confinado numa fazenda “em condições análogas à escravidão”, como se diz em jargão. O enredo era mais ou menos o de “São Bernardo”, o romance de Graciliano Ramos que dá nome à fazenda do perverso patrão Paulo Honório.

Confinado, o peão era obrigado a comprar, a preços proibitivos, o que comia, bebia e vestia. Endividado, só podia deixar a fazenda pagando a impagável dívida.

Meu parça fugiu do cativo pra capital e virou traficante. Foi trancafiado em novo cativo, agora comendo e bebendo de graça. Irresignado, fugiu novamente.

Foi morto pela polícia e virou auto de resistência, em jargão. Essa história aconteceu em meados da década de 1990. A elite trevosa que seria alçada ao poder em 2018, saída dos porões da ditadura civil-militar (1964-1985), atuava nas sombras: nos latifúndios escravocratas de Mato Grosso, nas milícias do Rio de Janeiro, nas polícias de todos os estados do país. O ofício e o projeto dessa elite, antes como hoje, é encomendar mortes de pobres de toda sorte.

Ou melhor, de pobres de má sorte - como aquele meu parça de infância. E nisso - nesse ofício ou projeto necrófilo -, há muito método e nenhuma loucura. Loucura é matéria para um Erasmo de Roterdã e seu “Elogio da Loucura”, para um Machado de Assis e seu “O alienista”, para uma Nise da Silveira e seu formidável Museu do Inconsciente.

A elite que nos governa não é louca: ela é perversa.

Seu instrumento de trabalho é a tortura, e seu autor predileto de ocasião é um obscuro coronel que carrega no nome um falso Brilhante. Ola-vão, o astrólogo, é só um pastiche de intelectual asilado na província da Virgínia.

Dessas coisas eu entendo um pouquinho: também sou meio subintelectual de província. Só que meio de esquerda.

E do tipo Tribuna Operária: não falo palavrão...

Meu primeiro emprego foi de revisor de livros didáticos em braile e operador de audiolivros não-didáticos para cegos.

Digo não-didáticos porque, aos 18 anos, operei gravações de leituras que iam desde “O tao da física”, de um tal de Fritjof Capra, até “A condição pós-moderna”, do David Harvey. Alternando entre fragmentos da escuta desses dois livros, entendi que a pós-modernidade já tinha acabado - na minha cabeça o Harvey era historiador -, e que o futuro seria invariavelmente quântico. E quântico pra mim era o contrário das famigeradas leis da física que eu tentava em vão decorar pra passar no vestibular. Afinal, Capra não era físico? Era o meu raciocínio antididático.

Ao futuro quântico eu tentei chegar por meio de psicoativos de várias ordens - do ayahuasca ao canabidiol -.

Já a condição pós-moderna do David Harvey, que aos 18 anos eu julguei que tivesse ficado na história, parece que está instalada de vez no Brasil. Por aqui tudo é farsa, tudo é pastiche, tudo é pantomima. Exceto as mortes, que seguem a galope. Aqui, a morte é o tenebroso ofício das elites. Seu perverso projeto de salvação nacional.

Quanto a mim - “um átimo de pó” -, preciso organizar meu caos interior. Entre a física quântica e a condição pós-moderna, optei pela última. Vou reler o David Harvey, agora por inteiro. Na medida do possível, é claro.

Porque a leitura também se faz de meias palavras, de distrações, de ausências. Sim, tem método nessa loucura.

Ao professor Eguimar Chaveiro, meu orientador no mestrado em geografia (UFG), prometi reler, agora integralmente, boa parte do que já li (ou ouvi) aos fragmentos. Mas o que é a inteireza? E como alcançar o todo, senão pelas partes? Cego de nascença, cedo aprendi que o tato não dá a conhecer o todo de um objeto.

Mesmo os pontos do braile são uma conjunção de pequenas partes, e só se parecem com o todo na medida em que cabem na ponta dos dedos. Se o tato não dá a medida do todo, que dirá o paladar, o olfato, a audição... “Somente a visão dá a conhecer o todo”, garantem os oftalmologistas.

Tudo bem, eu fico com a parte que me cabe desse latifúndio sensitivo. Mas S. Tomás de Aquino disse que, para além do todo - para além das partes -, existe a radiância, que é o “encantamento do coração”. E meu coração vive de encantamento, apesar do todo, apesar das partes que o compõem - ou da falta de um e de outras -. Ai, que eu mudo de assunto e nem aviso. Parece que aqueles psicoativos de várias (des)ordens me deixaram algumas sequelas...

O assunto era a pátria, os estilhaços da pátria, os fragmentos da pátria. Não, professor Chaveiro da minha desafiadora orientação acadêmica: não vou conseguir alcançar o todo desse pastiche de condição pós-moderna em que o Brasil se enfiou. Reler o (geógrafo David) Harvey, eu até releio. Mas por aqui tudo são fragmentos, estilhaços, pontos que não cabem na ponta dos dedos.

O Brasil de agora é o braile às avessas. Por isso não há tato que o possa ler sem furar os dedos. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.